Dia 17 — Santo Antão, Abade

O grande Santo Antão, a quem a Igreja venera como patriarca de todos os cenobitas, isto é, dos religiosos que vivem em comunidade sob uma mesma regra e num mesmo convento, nasceu ao mundo no ano de 251. Era natural de Cômã, pequeno lugar perto de Heracleia, no Alto Egito. Seus pais foram cristãos, muito ricos e muito distintos por sua nobreza, mas muito mais por sua piedade. Dedicaram-se à boa educação de seu filho como a uma de suas primeiras obrigações, tomando-a com tanto empenho que não lhe permitiam tratar com pessoa alguma senão com os de sua família, parecendo-lhes que importava menos que não saísse tão instruído nas boas letras do que aprender a ser menos inocente nos costumes.

Os grandes princípios da religião que lhe inspiraram e as belas lições que lhe deram alcançaram todo o efeito que se podia desejar. Sua modéstia e seu respeito nas igrejas, sua frequência na oração, a grande atenção com que lia o Evangelho, sua docilidade, a doçura e a suavidade de seu gênio, sua terna devoção naquela primeira idade foram presságios da eminente santidade a que havia de chegar depois.

Tendo morrido seus pais quando Antão contava apenas vinte anos de idade, achou-se herdeiro de uma rica herança, com o cuidado de uma irmã de poucos anos. Indo um dia à igreja, como tinha por costume, ia considerando pelo caminho como os apóstolos haviam deixado tudo por amor de Cristo e aquele desprendimento com que os primeiros fiéis vendiam seus bens e distribuíam o preço aos pobres. Ocupado nesses pensamentos, entrou na igreja na hora em que se lia aquele lugar do Evangelho em que Jesus Cristo diz a um rico: Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens; e acharás um tesouro no céu. Movido Antão por essa leitura, não duvidou de que era inspiração de Deus a que lhe falava. Mal saiu da igreja, pôs em depósito seguro o dote de sua irmã, acrescentando o que lhe pareceu conveniente de seu próprio patrimônio, reservou para si uma porção muito moderada; e, vendendo o resto de seus bens, na mesma hora repartiu o preço entre os pobres.

Poucos dias depois voltou à igreja e, tendo ouvido cantar aquele outro lugar do Evangelho em que o Senhor previne seus discípulos de que não tenham cuidado do que hão de comer no dia seguinte, pareceu-lhe que a reserva que havia feito era falta de confiança em Deus; e, arrependendo-se disso, no mesmo instante repartiu também entre os pobres os poucos bens que havia reservado; pôs sua irmã em companhia de umas donzelas virtuosas, que a criaram com muita piedade; e, deixando sua casa, retirou-se a um lugar não muito distante do povoado, porque ainda não se havia introduzido o costume de que os solitários vivessem muito afastados das povoações ou sozinhos nos desertos.

Escolheu por guia e por mestre na nova carreira que começava um santo ancião que desde a juventude se havia retirado à solidão. Admiraram o mestre os progressos do discípulo. Não sabia estar ocioso: empregava no ofício manual, ou no trabalho das mãos, o tempo que não ocupava na oração. Sua humildade, sua modéstia, sua doçura, sua devoção e sua igualdade de ânimo o tornaram tão amável a todos os solitários que comumente o chamavam o amado de Deus.

Invejoso o demônio dos progressos que fazia, moveu todas as suas máquinas para desgostá-lo da vida que havia empreendido. Pôs-lhe diante dos olhos os grandes bens que havia abandonado, a flor de sua juventude, a debilidade de seu temperamento, os perigos de sua irmã, a nobreza de seu sangue, os horrores do deserto, as moléstias e riscos de uma longa solidão. Vendo frustrados todos os seus artifícios, atacou-o por outro caminho: pôs em exercício todas as armas da sensualidade, insultos da imaginação, torpezas do pensamento, rebeldias da carne; mas Então resistiu com valor a todos esses ataques; e, para cobrar novas forças com que enfrentar inimigo tão perigoso e tão porfiado, redobrou os rigores de sua penitência e conseguiu uma completa vitória.

Desde então não comia mais que uma vez ao dia, depois de posto o sol; e não poucas vezes passava três dias inteiros sem provar bocado. Seu alimento era um pouco de pão e sal, sua bebida um pouco de água, sua cama uma esteira, seu sono quase nenhum, porque passava em oração a maior parte da noite.

À medida que cresciam suas austeridades, aumentava também seu fervor. Desejando negar-se a toda comunicação humana, foi encerrar-se numa sepultura distante da cidade, cuja porta só se franqueava a um amigo seu, que de tempo em tempo lhe trazia alguns pães; mas ali mesmo soube achá-lo o demônio. Querendo Deus provar a virtude e a paciência de seu fiel servo e confundir ao mesmo tempo o espírito das trevas com a magnanimidade daquele jovem, herói da religião, permitiu que o demônio o atormentasse tão cruelmente e de tantas maneiras que, depois de tê-lo maltratado um dia com despiedados golpes, o deixou estendido no chão quase sem sinal de vida. O amigo do santo o achou nesse estado no dia seguinte e o conduziu à igreja de uma aldeia vizinha, onde o tiveram por morto. Por volta da meia-noite voltou a si, tão longe de acovardar-se que suplicou a seu amigo que o restituísse à sua sepultura, com tantas instâncias que não se pôde resistir.

Essa resolução tão generosa confundiu de tal maneira o inimigo comum que, não tendo mais licença para maltratá-lo com golpes, empregou toda a sua raiva em atemorizá-lo com temerosos uivos, com gritos horríveis, com visões espantosas e com fantasmas extraordinários. Parecia que todo o ar estava cheio de animais de estranha figura e de bestas ferozes que iam despedaçá-lo. Mas Antão, colocada em Deus toda a sua confiança, zombava de tanto esforço ridículo. « Muito fracos e muito covardes deveis ser (dizia zombando dos espíritos malignos) quando sois tantos contra um homenzinho só, mas um homenzinho que toda a sua força tem afiançada na graça do Salvador. Se tendes poder para fazer-me mal, aqui estou; não é preciso tanto ruído. Em vão pretendeis comover e arruinar o duro teto desta sepultura, porque o Senhor é meu auxílio, e eu zombarei de todos os meus inimigos. » Disse e, fazendo o sinal da cruz, como refere Santo Atanásio, pôs em vergonhosa fuga todos os demônios. Então, levantando os olhos ao céu, descobriu um formoso raio de luz que descia para ele; e, fazendo-lhe sentir o Senhor os doces efeitos de sua amorosa presença: Onde estáveis, amado Jesus meu, exclamou o santo, onde

estáveis durante o tempo desta tempestade? E ouviu uma voz que lhe respondia: Contigo estava, filho meu Antão, olhando tua peleja e sendo testemunha de teu valor; e, pois foste tão fiel, eu te prometo minha singular proteção, e tu ficarás sempre vencedor de todos os teus inimigos.

Levantou-se Antão para render graças a Deus; e, sentindo-se com mais forças que nunca, partiu desde a manhã seguinte para o mais interior do deserto, aonde o destinava a divina Providência para ser pai e modelo de tantos santos solitários. Tinha então apenas trinta e cinco anos. Passou o rio Nilo perto de Heracleia e, reparando que sobre uma montanha se descobriam as ruínas de um edifício antigo, escolheu aquele lugar para sua habitação. Ali se manteve vinte anos fazendo vida de anjo, apesar dos artifícios e dos esforços que fez o espírito das trevas para inquietá-lo.

Quisera viver oculto e desconhecido no mundo, mas não o pôde conseguir; porque, não obstante as diligências que praticou para consegui-lo, seus amigos antigos o procuraram e por fim vieram a encontrá-lo em sua montanha. Resistiu a princípio a recebê-los; mas finalmente foi necessário ceder à sua perseverança. Saiu Antão de sua gruta como de um santuário onde o Senhor o havia enchido de seu espírito. Não o acharam mudado seus amigos, embora por espaço de trinta e cinco anos se tivesse entregue a todos os rigores da mais austera penitência. Tinha o semblante tão sereno e tão formoso como em seus primeiros anos, o ânimo tão tranquilo, o trato tão afável, o gênio tão aprazível e todos os seus modos tão gratos como sempre.

Embora todo o seu consolo e todas as suas delícias fossem a oração, a contemplação e o retiro, jamais deu o menor sinal de repugnância de ver-se rodeado de tanta gente, nem manifestou a mais leve vaidade ou complacência de ver-se tão admirado, nem se fez rogar para responder a quantas perguntas lhe faziam. Abrasado seu coração no fogo do amor divino, comunicou logo seus incêndios aos corações de todos os que o escutavam. Falou-lhes com tanta eloquência, com tanta energia sobre as verdades da religião, sobre o nada dos bens caducos, sobre os falsos atrativos dos deleites, sobre os horrores da morte, sobre a brevidade da vida, que mais de duzentas pessoas se resolveram a abandonar tudo e a ficar com ele naquela solidão para atender unicamente ao negócio de sua eterna salvação. Pôde mais com Antão o zelo das almas que o amor ao retiro. Edificaram-se muitas celas perto da sua, e o santo não pôde negar-se a ensinar e a dirigir aqueles novos discípulos pelo caminho do céu, no qual estava tão instruído.

Estendeu-se a fama de Santo Antão pela África, Itália e França, e quase por todo o mundo, bem como o grande poder que Deus lhe havia concedido sobre os demônios, o dom de profecia e de milagres, e concorreram a ele de todas as partes inumeráveis discípulos. Acharam-se logo povoados aqueles vastos desertos; edificaram-se muitos mosteiros e em menos de dez anos contaram-se neles muitos milhares de solitários.

Crescendo todos os dias aquela religiosa república, viu-se Antão obrigado a dedicar toda a atenção a seu governo. Umas vezes os instruía a todos em comum, outras em particular. Desenganai-vos, irmãos, repetia-lhes com frequência, que, para fazer progressos na vida espiritual, é preciso fazer conta de que cada dia começamos. Por mais que se trabalhe por Deus, não há proporção entre o prêmio e o trabalho. Se quereis vencer o demônio, amai a Cristo, orai muito, mortificai-vos muito e sede humildes. O espírito das trevas teme as almas puras. Nada o confunde tanto como a desconfiança de si e a confiança em Deus.

Mas Deus não havia destinado nosso santo somente para instruir os solitários; também o tinha escolhido para confundir os gentios e os hereges e para alentar os fiéis no rigor das maiores perseguições.

Chegando ao conhecimento de Antão que eram conduzidos a Alexandria muitos confessores de Cristo para tirar-lhes a vida com os mais cruéis tormentos, e temendo que alguns fraquejassem na fé à vista dos suplícios, partiu logo do deserto para assisti-los nas prisões. Pretenderam estorvá-lo os tiranos, mandando, sob pena de vida, que se retirassem todos os solitários; mas, desprezando Antão a sua, não abandonou aqueles generosos confessores até que consumaram o sacrifício, e não dependeu dele que não lhe tivesse tocado a mesma ditosa sorte.

Crescia em nosso santo o amor ao retiro em meio aos tumultuosos exercícios da caridade; e mal estava de volta ao deserto, resolveu buscar outra solidão mais afastada. Chegaram a entendê-lo seus discípulos e sempre lho estorvaram com várias piedosas artes. A isso se acrescentou que as grandes necessidades da Igreja não lhe permitiram gozar longo tempo a quietude de sua cela. Obrigaram-no os bispos a voltar a Alexandria, onde foi recebido com extraordinárias honras, não só pelos católicos, mas também pelos hereges e até pelos próprios pagãos, que admiravam tanto sua virtude como seus milagres. No pouco tempo que se deteve naquela cidade converteu muitos gentios e confundiu os filósofos com a força de seus argumentos.

Voltado Antão ao mosteiro, teve uma inspiração para que fosse buscar São Paulo no mais interior do deserto. A vista, a conversação e a morte daquele grande eremita acenderam mais seu zelo e seu fervor. Outra vez teve necessidade de voltar a Alexandria para fazer que a religião triunfasse naquela populosa cidade. Ficou desarmada a heresia ariana à vista daquele ilustre ancião, a quem o puro amor da verdade havia tirado de seu amado deserto aos cento e quatro anos de idade, para combater contra os inimigos da divindade de Jesus Cristo e para trabalhar em restituir a paz à Igreja.

Sabe-se que Constantino, o Grande, e seus filhos escreveram ao santo cartas muito afetuosas, como a seu pai espiritual, mostrando grande desejo de receber suas respostas. Respondeu-lhes Antão; mas, quando chegou a entender que os hereges, abusando da sinceridade e da pouca instrução dos imperadores em pontos de religião, pretendiam enganá-los, não esperou que lhe escrevessem. Ele mesmo se antecipou e, sabendo que o imperador Constantino se havia deixado prevenir pelos arianos contra Santo Atanásio, escreveu-lhe com tanta viveza e com tão religioso ardor que mostrou bem tanto a pureza quanto a generosidade de seu zelo, incapaz de andar com contemplações com os hereges nem com os que fossem suspeitos na fé. Ele mesmo fez escrever aquela carta tão ardente a Gregório, bispo ariano, que, tendo usurpado tiranicamente a Igreja de Alexandria, havia sido causa de que fosse expulso dela seu legítimo pastor.

Por fim, abrasado este grande santo no amor de Jesus Cristo; aceso em indizível ternura pela santíssima virgem Maria, de quem era devotíssimo; adornado do dom de profecia e de milagres, sendo a veneração das cortes e de quase todas as nações do universo; o açoite dos hereges, o terror dos demônios, o ornamento da Igreja, a maravilha do mundo, o assombro de seu século; aos cento e cinco anos de idade, tendo passado oitenta e cinco nos exercícios da mais rigorosa penitência, depois de ter-se despedido ternamente de seus amados discípulos, recebendo deles os

últimos abraços, estendeu os pés; e, deixando ver em seu venerável semblante uma extraordinária alegria, à vista dos espíritos celestiais que estavam presentes para serem testemunhas de seu último alento, entregou a alma a seu Criador no dia 17 de janeiro do ano 356, que se contava o nono do império de Constâncio. Seus discípulos executaram religiosamente as ordens que lhes deixou em sua última vontade, ou espécie de testamento. Mandou que entregassem a Santo Atanásio uma de suas túnicas e o manto com que morreu; outra túnica a deixou a São Serapião, bispo de Thmuis, e ordenou que enterrassem seu corpo em segredo, sem descobrir jamais a ninguém o lugar de sua sepultura. Com efeito, esteve oculto por algum tempo; mas logo foi celebrada em toda a Igreja a memória deste santo, especialmente no Oriente, onde desde logo se começou a solenizar sua festa com a maior celebridade.

Cerca de duzentos anos depois foi descoberto o santo corpo. Fez-se com grande pompa sua trasladação a Alexandria e depois a Constantinopla, quando os sarracenos se apoderaram do Egito. Por último, por volta do fim do século X, tendo feito a viagem à Terra Santa um cavaleiro de Viena, no Delfinado, muito devoto de Santo Antão, passou a Constantinopla e obteve do imperador aquelas preciosas relíquias, que trouxe consigo à França. Deu princípio à célebre igreja da Abadia numa herdade sua, chamada La Motte, na diocese de Viena, que depois teve o nome de Santo Antão. No ano de 1089 fez grandes estragos em toda a França uma enfermidade chamada fogo sacro; e, experimentando-se que era eficacíssimo remédio contra ela a invocação de nosso santo, começou-se a chamar o fogo de Santo Antão. Desde então foi prodigioso o concurso do povo para adorar as santas relíquias; o que foi ocasião de que se fundasse uma nova religião de cônegos regulares de Santo Agostinho, com o título de Santo Antão Abade, que se tornou célebre em toda a Europa por sua vida regrada e por sua caridade inalterável.

Martirológio Romano

Na Tebaida, Santo Antão, abade, pai de grande número de solitários, que se tornou muito ilustre por sua santa vida e milagres, assim como o escreve Santo Atanásio no excelente livro que compôs sobre suas ações. Tendo sido achado seu corpo por revelação divina sob o império de Justiniano, foi trazido a Alexandria e sepultado na igreja de São João Batista.

Em Langres, os três santos gêmeos Espeusipo, Eleusipo e Meleusipo, que receberam a coroa do martírio com sua avó Leonila sob o império de Marco Aurélio.

Em Roma, a invenção dos santos mártires Diodoro, presbítero; Mariano, diácono, e seus companheiros. Estando celebrando a festa dos mártires numa gruta, ou poço de areia, no tempo do papa Santo Estêvão, os perseguidores da fé taparam a boca e fizeram cair sobre eles grande quantidade de terra, com a qual foram sepultados, e dessa maneira mereceram chegar à glória do martírio.

Em Bourges, São Sulpício, bispo, chamado o Piedoso. Sua santa vida e sua preciosa morte foram ilustradas por grande número de gloriosos milagres. Em Roma, no mosteiro de Santo André, os

santos monges Antônio, Mérulo e João, de quem faz menção São Gregório em seus escritos.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Antonii Abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos torne recomendáveis a intercessão do bem-aventurado Antão, abade, para conseguirmos por sua proteção o que não podemos por nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro do Eclesiástico.

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

« Já se falou do livro do Eclesiástico, cujo autor foi Jesus, filho de Sirac. Tendo lido com grande atenção a lei e os profetas, compôs Jesus este livro, cujos pensamentos e palavras todas são do Espírito Santo, visto que a Igreja o reconhece como um dos livros sagrados e canônicos. Muito comumente foi chamado livro da Sabedoria e tem grande semelhança com os livros de Salomão. O capítulo 45, de onde se tirou a epístola da missa correspondente a este dia, contém um elogio de Moisés, que a Igreja aplica com razão e com propriedade aos santos abades. »

Reflexões

De que serve ser amado dos homens a quem não o for de Deus? E que poderá contra nós o ódio e a malícia de todos os homens, contanto que Deus nos ame? Toda a nossa felicidade, toda a nossa ventura consiste em ser amigos de Deus.

Quão extravagantes e quão injustos costumam ser os homens em suas amizades! Quanto costuma custar dar-lhes gosto! Nem sempre ganham seu coração os de prendas mais destacadas, os de maior mérito. Cheio está o mundo de preferências no amor, iníquas e nada racionais. Muitas vezes terás trabalhado, suado, gasto tua fazenda e tua saúde em serviço de um grande sem que ele o tenha agradecido. Os homens só se amam a si mesmos. Caíste na graça de alguém? Pouco ou nada é preciso para perdê-la; e, por leve que seja o motivo da desgraça, sempre se segue a ela a tibieza e depois a frieza.

Que amizade há no mundo sincera e pura? Não há outro nó para estreitá-la que o interesse ou a paixão. Se aquele muda, se esta se tempera ou irrita, acabou-se a amizade. Nenhum amigo há que não esteja na véspera de deixar de sê-lo. A mais forte amizade entre os homens pode pouco e depende de quase nada.

Não é assim na amizade de Deus. É sincera, desinteressada, benéfica. Amar-me-á Deus em vendo que eu o amo. Só com querer dar-lhe gosto, dou-lho; e não posso desagradar-lhe senão com o pecado. Toda a minha felicidade e toda a minha glória é sua amizade; e toda a minha suma desgraça será perdê-la.

Falando com propriedade, não há outra glória verdadeira que a dos santos. A glória do mundo é fumaça, e não é mais. Aqueles homens que no mundo adquiriram grande glória, que por ela se chamaram homens grandes, se não foram santos, se não se salvaram, que é o que agora lhes resta dessa glória? Desenganemo-nos: nada é mais digno de nosso respeito, de nossa estima que a santidade. Ela enobrece as pessoas mais vis. Um pobre pastor, se é santo, merece e recebe as adorações dos maiores monarcas, enquanto os príncipes mais poderosos da terra estão sepultados num eterno esquecimento depois de sua morte. E, se não foram santos, que elogios merecem? De quem poderão esperar veneração e culto?

Todos amamos tanto a glória; pois quando a buscaremos em sua verdadeira fonte? Certamente não há que pensar em encontrá-la senão na conformidade de nossos costumes com os preceitos da lei. Não há outro modelo que a vida dos santos; não há outra regra que o Evangelho. Que erro! Que loucura! Pretender que as máximas do mundo tenham parte na regra dos costumes!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da incerteza da hora da morte

Primeiro ponto

Considera que todos estamos certos de que havemos de morrer; mas todos ignoramos qual será a hora de nossa morte. O único que sabemos com certeza é que podemos morrer em qualquer hora; que este dia pode ser o último de minha vida, e que a hora presente pode ser a hora de minha morte. Persuadidos dessa verdade infalível, em que fundamos nossa segurança? Crer e não temer; temer e não vigiar, que pode ser senão impiedade ou loucura? Quê! A todas as horas pode chegar o Juiz supremo para decidir de nossa sorte eterna, e não estão as contas preparadas! Seguramente não é tempo de dispô-las quando chegue a hora de dá-las. Despertar quando o amo bate à porta já é fora de tempo; era preciso estar em vela, era preciso estar já preparado para partir; era preciso ter acesas as lâmpadas quando chegasse o Esposo. Não é então tempo de ir buscar o azeite, nem tampouco basta ter provisão de óleo se está apagada a lâmpada. É preciso estar sempre em estado de graça, vigiar sem cessar; porque, se não, corremos evidente perigo de ser surpreendidos.

Quantos anos faz que me acho nesta ditosa disposição? Poderá Deus vir quando for servido, na segunda, na terceira vigília, como na primeira? Achar-me-á preparado para comparecer em sua presença com fundada confiança? Ah, onde estaria eu agora se o Senhor já tivesse vindo! Meu Deus, em que erro, em que perigo vivi até aqui! Nunca me achou o mundo adormecido para seus negócios; mas quando me achou Deus desperto para o meu?

Ó grande Deus, e em que se passa toda a vida! Gemo, estremeço só de lembrar-me de minha modorra, de meu fatal letargo. Mas, pois vós, Senhor, me despertais dele por vossa divina graça, fazei que daqui em diante tenha sempre tão presente vossa vinda que jamais me apanhe desprevenido.

Segundo ponto

Considera que grande ventura é a daqueles fiéis servos que, quando vem o Senhor, os encontra velando. Que alegria também para o Salvador do mundo colher neles o fruto de seus trabalhos e de seu sangue, poder derramar sobre suas almas a torrente de suas bênçãos, admitindo-os ao festim e fazendo-os participantes de sua glória!

Mas que gozo para os mesmos servos fiéis o não terem-se deixado arrastar pelos falsos atrativos com que o mundo embriaga seus seguidores! Que prazer o não terem adormecido como tantos outros que se deixaram vencer pela modorra!

O Senhor sempre vem antes do que se pensa. Que alegria a de ter estado em vela continuamente; a de não ter perdido de vista nem um ponto o importante negócio da salvação; a de ter tido presente dia e noite o pensamento da morte; a de ter perseverado numa vida inocente e rica de boas obras!

Põe os olhos em Santo Antão no último momento de sua vida. Oitenta e cinco anos fazia que aquele servo fiel estava velando no deserto para esperar a vinda do Senhor. Aos vinte anos de idade havia deixado o mundo e havia conservado sua inocência com o contínuo exercício de uma penitência rigorosa. Oh, e com que gozo viu que se aproximava já o momento decisivo de sua

eterna felicidade! Ele mesmo consolava os que choravam porque o perdiam. Morre com tanto consolo que a alegria que inundava sua alma, não cabendo nela, transborda para fora e se comunica ao semblante de seu corpo moribundo. Que diferença, bom Deus, que diferença entre Então ao expirar e todos esses aparentes felizes do mundo quando morrem! Oh, quantos dormem, por assim dizer, toda a vida! Mas que coisa tão terrível é não despertar até a hora da morte!

Dulcíssimo Jesus meu, preservai-me dessa desgraça. Não, Senhor; não dilatastes tanto tempo vossa vinda senão para dar-me lugar a que me disponha, a que me prepare para receber-vos. Bendita seja eternamente vossa piedade, Pai das misericórdias. Não, não abusarei mais desta singularíssima graça; de hoje em diante quero viver como servo que em todas as horas vos aguarda.

Jaculatórias

> *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt a te: quæ autem parasti, cujus erunt?* Lc 12.

Grande loucura é não pensar na morte! Esta noite, este dia pode ser o último de minha vida, e tudo o que com tanto afã amontoei, de quem será depois?

> *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam.* Mt 25.

Vigiai todos os dias, vigiai todas as horas, porque não sabeis nem a hora nem o dia em que haveis de morrer, e podeis morrer neste mesmo dia e nesta mesma hora.

Propósitos

1. Além da importante prática de um dia de retiro por mês, que é utilíssima para prevenir as funestas consequências de uma morte repentina, uma vez por semana farás uma meditação sobre a morte.

Não empreendas coisa alguma de consideração, não faças viagem nem te entregues a alguma diversão, por honesta e decente que seja, sem dizeres a ti mesmo o que o profeta Isaías disse àquele outro rei de Judá [^1]: *Dispone domui tuæ, quia morieris tu.* Meu fim se aproxima; tenho preparadas todas as coisas? A toda pressa vou correndo para a sepultura; desde ontem estou mais perto dela vinte e quatro horas. O Senhor não está longe. E pode ser que nesta mesma hora esteja dizendo-me, como àquele rei: Põe em ordem os negócios de tua consciência, porque logo

morrerás.

2. Sempre que receberes os sacramentos, não deixes de fazê-lo como se fosse a última vez que os havias de receber. Uma confissão como se fosse a última e uma comunhão como se fosse o viático não podem deixar de ser muito eficazes. Tomando todas essas precauções, não há risco de que o Senhor nos apanhe desprevenidos. Este é um dos exercícios piedosos mais importantes. Tem presente que é artigo de fé que havemos de morrer na hora em que menos pensarmos [^2]: *Qua hora non putatis.* Não limites unicamente ao uso dos sacramentos um exercício tão útil. Nada empreendas durante a vida que não o olhes como o olharias na hora da morte: escolha de estado, negócios de importância, comércios, cargos, pleitos; quem não se quiser enganar tudo há de olhar como se estivesse para morrer. Em vida as coisas se olham à má luz; para vê-las como são, é preciso considerá-las à luz da vela.

[^1]: Is 33. [^2]: Lc 12.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:54 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:54 by Admin